

A COP da implementação:

entre o realismo amazônico e a diplomacia do possível

Por Gabriela LITRE

Em meio a um cenário geopolítico conturbado e a uma corrida global pela redefinição do pacto climático, o Brasil se prepara para sediar, em Belém, a COP 30 — uma conferência que o Itamaraty já batizou de a COP da implementação. A meta é ambiciosa: ampliar o financiamento climático global de US\$ 300 bilhões por ano para US\$ 1,3 trilhão até 2035.

Tudo começou em novembro de 2022, quando Luiz Inácio Lula da Silva, recém-eleito presidente, desembarcou em Sharm El Sheikh, no Egito, para participar da COP 27. Foi sua primeira viagem internacional após derrotar Jair Bolsonaro. Em tom simbólico, Lula lançou ali uma proposta: levar a próxima conferência do clima para o coração da Amazônia. A ideia tinha duplo objetivo — no plano interno, marcar a ruptura com o negacionismo ambiental do governo anterior; no externo, reposicionar o Brasil como liderança moral e política na agenda global de sustentabilidade.

O gesto foi mais que diplomático: foi estratégico. Em maio de 2023, veio a confirmação oficial — Belém sediaria a COP 30, entre 10 e 21 de novembro de 2025. O anúncio foi celebrado como um resgate de protagonismo e como uma rara oportunidade de o mundo conhecer, de perto, a realidade amazônica.

A COP da verdade

Durante visita à cidade, em outubro, o próprio Lula reconheceu as limitações da infraestrutura local. “Eu sei os problemas de Belém, os problemas de drenagem, da pobreza. Por que aceitamos o desafio de fazer a COP lá? É preciso mostrar ao mundo o que é a Amazônia. Não vai ser a COP do luxo. É a COP da verdade”, disse. Com o humor típico de quem fala para o povo, completou: “Vamos fazer a melhor COP da história, com todos os problemas que a gente tem — até com carapanã picando um gringo.”

Na Amazônia, o carapanã é mais que um inseto: é uma presença inevitável. Esse mosquito robusto e barulhento, com picada certeira, é parte do cotidiano das cidades amazônicas. Na fala de Lula, o carapanã tornou-se metáfora do realismo amazônico — a lembrança de que esta será uma COP da vida real, feita sob o calor, a umidade e os desafios concretos da floresta.

A frase soou bem-humorada, mas o desafio é real. A crise de hospedagem se tornou o epicentro dos problemas logísticos. A escassez de quartos e o aumento vertiginoso dos preços levaram mais de 20 países, entre eles Canadá, Holanda, Suécia, Suíça, Bélgica e Áustria, a solicitar oficialmente a mudança de sede. Delegações do Sul Global também protestaram, alegando não ter condições de arcar com diárias de até US\$ 600.

Para mitigar o impasse, o governo contratou dois navios de cruzeiro, que somarão 3.800 leitos aos cerca de 8 mil disponíveis na rede hoteleira, e lançou uma plataforma oficial de hospedagem. Ainda assim, o secretário-executivo da Convenção do Clima, Simon Stiell, recomendou que países e agências da ONU reduzissem o tamanho de suas delegações. O Brasil

seguiu a mesma linha e, em gesto simbólico, cancelou o show da banda Coldplay, que seria parte da programação cultural da COP.

A escassez de acomodações ameaça um problema maior: o quórum mínimo de 130 países necessários para validar decisões multilaterais. Até o dia 14 de outubro, a organização do evento informou que 162 países estavam credenciados, entretanto, apenas 87 países confirmaram que têm acomodação em Belém.

Nunca antes se temeu uma COP com cadeiras vazias. Em Paris, na COP 21 de 2015, o Acordo de Paris foi firmado com 195 signatários — praticamente a totalidade do planeta. A ausência anunciada dos Estados Unidos na COP 30 adiciona um peso político ainda maior. Num momento em que governos questionam o custo da transição energética, a representatividade plena é essencial para evitar retrocessos.

Do discurso à prática: a COP da implementação

Para o Brasil, esta será a COP da virada — da negociação para a implementação. O presidente da conferência, André Corrêa do Lago, e a diretora-executiva, Ana Toni, têm repetido que sem um salto no financiamento climático não há transição possível. A meta: mobilizar US\$ 1,3 trilhão por ano até 2035.

Logo ao assumir o posto, Corrêa do Lago criou o Conselho Ad-Hoc para Economia, Finanças e Clima, reunindo mentes brilhantes como os laureados com o Nobel Lars Hansen, Esther Duflo e Joseph Stiglitz, além de Nick Stern, Mariana Mazzucato e Vera Songwe. O grupo busca modelar mecanismos financeiros que tornem rentável proteger florestas, restaurar ecossistemas e compensar povos indígenas e comunidades tradicionais.

Dessa visão nasce o Tropical Forest Forever Facility (TFFF) — o Fundo de Florestas Tropicais para Sempre —, que será lançado em Belém. O objetivo: captar um capital inicial de US\$ 25 bilhões, que funcionará como garantia para a emissão de mais US\$ 100 bilhões em títulos verdes no mercado internacional. O retorno anual aos investidores seria equivalente ao rendimento dos títulos do Tesouro dos EUA, cerca de 4,5% ao ano.

Em setembro, durante reunião na ONU, o Brasil anunciou um aporte inicial de US\$ 1 bilhão ao fundo. Colômbia, Gana, República Democrática do Congo, Indonésia e Malásia se uniram à iniciativa, assim como países investidores — Alemanha, França, Noruega, Reino Unido e Emirados Árabes Unidos.

O diferencial do TFFF é sua autonomia em relação às convenções da ONU, o que acelera sua operacionalização. Mais de 70 países tropicais poderão aderir, desde que adotem regras de transparência e destinem 20% dos recursos a povos indígenas e comunidades locais.

Ao lado do mercado integrado de carbono, o TFFF sinaliza uma tentativa de romper com o modelo antigo de cooperação baseado em doações e criar um fluxo permanente de financiamento vinculado à economia real. Trata-se, em última instância, de um novo paradigma de cooperação Sul-Sul, que busca aliar responsabilidade ambiental e desenvolvimento econômico. O Brasil aposta em sua credibilidade diplomática e em seu patrimônio florestal para conduzir essa transição.

Mas o caminho não é linear. Apesar dos avanços — o desmatamento na Amazônia caiu 30,6% entre agosto de 2023 e julho de 2024, atingindo o menor nível desde 2015 —, o país ainda

enfrenta dilemas estruturais. O mais emblemático é o projeto de exploração de petróleo na Margem Equatorial, no litoral norte.

O governo argumenta que os recursos oriundos do petróleo seriam usados para financiar a própria transição energética. Contudo, críticos veem aí um paradoxo estratégico que ameaça comprometer a coerência da política climática brasileira no médio e longo prazo.

Discussões prévias

A Pré-COP30, encontro preparativo realizado nos dias 13 e 14 de outubro, em Brasília, com a presença de mais de 70 delegações, funcionou como uma prévia de como as ambições da diplomacia brasileira percorrerão um difícil caminho para se tornarem realidade.

Apesar da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, ter sugerido que os negociadores apresentem um ‘roadmap’ para que o mundo deixe a dependência dos combustíveis fósseis, não houve consenso, principalmente pela resistência dos representantes da Arábia Saudita, bem como da discordância de Índia, China e de outros países árabes.

Tampouco houve consenso sobre o aumento da contribuição financeira das nações desenvolvidas para medidas de adaptação às mudanças climáticas e sobre o anúncio de metas mais ambiciosas de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Por outro lado, a Pré-COP 30 terminou com amplo apoio à iniciativa lançada pelo Brasil de quadruplicar globalmente o uso de combustíveis sustentáveis, os chamados combustíveis verdes, além da concordância sobre a necessidade de reformar o sistema de financiamento climático.

Em pouco mais de um mês saberemos se a diplomacia brasileira conseguirá alcançar seus objetivos, tornando a COP o palco onde discurso e a ação finalmente se encontram, alcançando consensos capazes de levar o mundo a conciliar desenvolvimento e proteção ambiental, ou se as discordâncias vão se impor impedindo a tão sonhada ‘implementação’.

<https://www.bbc.co.uk/newsround/articles/c2lpnnd1rywo#:~:text=COP30%20will%20take%20place%20in,of%20indigenous%20communities%20and%20species.>

<https://cop30.br/en>

<https://unfccc.int/cop30>